

GUILHERME SMEE

SÓ OS INTELI GENTES PODEM VER



*notas autobiográficas
sobre crescer sem
perceber sua
homossexualidade*



GUILHERME SMEE

**SÓ OS
INTELI
GENTES
PODEM
VER**



Marca de Fantasia
João Pessoa, PB
2019

Copyright © 2019 Guilherme Smees
Todos os direitos dessa edição reservados ao autor.

Publicação da Associação Marca de Fantasia e do Namid-Núcleo de Arte, Mídia e Informação do
Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba.



MARCA DE FANTASIA
Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB, Brasil. 58045-180
marcadefantasia@gmail.com
www.marcadefantasia.com

EDITOR E REVISOR
Henrique Magalhães

CONSELHO EDITORIAL
Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB; Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP; Gazy Andraus, UEMG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI; José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB; Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nilton Milanez - UESB; Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP; Waldomiro Vergueiro - USP; Wellington Pereira - UFPB.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Guilherme Smees

TEXTO TEÓRICO E INFOGRÁFICOS
Guilherme Smees

ROTEIRO, DESENHOS, TONS DE CINZA, ARTE-FINAL E LETRAS
Guilherme Smees

FOTO DO AUTOR
Iris Borges

Esta história em quadrinhos é resultado de um produto desenvolvido em conjunto com uma dissertação de Mestrado Profissional apresentado à banca examinadora do Curso de Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle - UNILASALLE para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.



SEJA BEM-VINDA,

FAZER UMA AUTOBIOGRAFIA? NÃO É ALGO MUITO PRETENSIOSO?

Não é querer dar uma importância para si mesmo mais do que se tem? Você deve ter se perguntado. Na verdade não. E não. Tem-se na memória cultural das pessoas que autobiografias são feitas por gente importante. Contudo, desde os anos 1970, com o desenvolvimento dos estudos das autobiografias, por **Phillippe Lejeune** e **Serge Doubrovsky** se verificou outros tipos de relatos de si. Existiam as memórias que as pessoas registravam em seus cadernos e diários, as escritas missivistas e muitas outras. Entre elas, estava aquilo que Doubrovsky chamou de “autoficção”, ou seja, algo que não era uma autobiografia, porque não possuía a importância de uma, mas também porque inovava na narrativa, por exemplo, fragmentando a cronologia da existência do narrador. Mais do que isso, as autoficções também trabalhavam com referências de outros textos e possuíam doses altas ou baixas de inventividade ficcional.

A partir dos anos 2000 houve uma expansão na produção e na popularização dos relatos de si em quadrinhos. Eles surgiram nos anos 1970 com os quadrinistas undergrounds como **Robert Crumb** e **Harvey Pekar**, chegaram a conquistar um Prêmio Pulitzer com o **Maus** de **Art Spiegelman**, mas esses trabalhos nunca foram tão consumidos quanto quando **Retalhos**, de **Craig Thompson** e **Persépolis** de **Marjane Satrapi** chegaram às livrarias, pois esses quadrinhos não eram mais vendidos em bancas. Tinham status de romances e, portanto, eram anunciados não como simples gibis, mas *graphic novels*, um termo poposo para afastar os investidores da precariedade e marginalidade que era sinônimo dos quadrinhos de bancas.

Foi nessa onda das *graphic novels* autobiográficas que eu me deparei com **Fun Home: Uma Tragicomédia em Família**, da esta-

dunidense **Alison Bechdel**. Era o ano de 2008 e, após eu ler a obra de Bechdel, fiquei a madrugada inteira acordado (uma das muitas) pensando em tomar a decisão de “sair do armário”. Isso porque *Fun Home* lidava com a construção da identidade *queer* da autora/narradora/personagem. Mais do que isso, revelava que o pai de Alison também era *queer*. Foi uma leitura extremamente impactante.

Ao passar no mestrado em **Memória Social e Bens Culturais**, minha ideia era pesquisar **Sin City**, os quadrinhos de **Frank Miller**. Interessava-me a adaptação para o cinema e a problemática da linguagem dos dois meios. Lá pelas tantas tive de abandonar essa proposta. Aproximei-me da *teoria queer* e dos estudos autobiográficos durante o curso e, como **Fun Home** já havia mudado a minha vida para o bem ou para o mal, decidi que seria meu objeto de estudo.

Havia mais um detalhe. O mestrado que cursei era da modalidade profissional, ou seja, exigia o desenvolvimento de um produto ao final dele. Bem, já que desejava ir à fundo de **Fun Home**, por que não destrinchar o quadrinho de uma maneira que me permitisse também eu, fazer um relato e uma reflexão sobre a minha sexualidade? Quem sabe a minha história não apaziguasse corações, almas e mentes de jovens *queer* que estão em desespero, da mesma forma que Alison Bechdel fez comigo?

Não que minha história seja fantástica, ela é bastante comum, mas tem suas peculiaridades. Contudo, serve para mostrar que todo esse desamparo e essas iniquitações fazem parte de se tornar *queer* no tipo de sociedade em que vivemos. E você vai perceber, conforme lê os **textos selecionados da dissertação** e os **quadrinhos criados a partir dela**, que a culpa não é sua, não foi você que se fez assim. Você não nasceu assim. A cultura e a sociedade te transformaram, como me transformaram.

Espero que este livro **parte quadrinho parte estudo acadêmico** sirva para desmistificar muitos conceitos que alvoroçam nossa sociedade e, pela ignorância, acabam gerando ódio e violência entre as pessoas. “Amor é amor”, “Não importa se você ama ele ou Ele com ‘E’ maiúsculo”, “Ninguém larga a mão de ninguém”, porque “Isso melhora”. **Bota a cara no sol e ahaza na leitura! Abraços!**



GENES

A OBSTETRA DA MINHA MÃE FAIU...



Imagina que
tu este fazendo
um...

UM DOS
PRIMEIROS
PROBLEMAS QUE
ESTE BEBÊ QUE
SERIA APELIDADO
DE CHORÃO IRIA TER
SE CHAMAVA HERNIA INGUINAL...



E, ENTÃO,
EU NASCI!



Pobrezinho,
com três
meses e já
vai para
cirurgia!



A HÉRNIA
INGUINAL INDIRETA
OCORRE 25
VEZES MAIS
NOS HOMENS
DO QUE
NAS
MULHERES.

DEPOIS DA CIRURGIA, NÃO FORAM
FEITOS PONTOS, O TECIDO CRESCERU
SORZINHO



PORÉM, DEPOIS DE UM
TEMPO, E SABENDO DA
MINHA ATRACÃO POR
HOMENS, FIQUEI
PENSANDO EM UM
OUTRO SIGNIFICADO
DAQUELA CIRURGIA.

DESDE ENTÃO, SEMPRE
QUE OLHO PARA O MEU
VENTRE QUANDO ESTOU NU,
VEJO MINHAS CICATRIZES DA
CIRURGIA.



FIQUEI
IMAGINANDO QUE,
DE CERTA
FORMA, AQUIA
CIRURGIA
ACONTECEZA
PARA REMOÇÃO
DOS MEUS...



... OVÁRIOS, ÚTERO,
OU ALGUMA
COISA QUE
RESTASSE EM MIM
DO APARELHO
REPRODUTIVO
FEMININO.



NAS MINHAS FANTASIAS
PARANOICAS, EU TERIA
NASCIDO COM OS DOIS
SEXOS, MAS O SEGUNDO
SEXO (O FEMININO) ESTARIA
MAL FORMADO, O QUE TERIA
LEVADO MEU PAI A PREFERIR
QUE EU ME TORNASSE
UM MENINO.

AFINAL, SE ALGUÉM TIVESSE
QUE ESCOLHER UM SEXO NUMA
SITUAÇÃO COMO ESSA, ESCOLHERIA O
MASCULINO. SABEMOS QUE ESSE É
UM "MUNDO DOS HOMENS" E QUE
AS MULHERES, INFEUZMENTE,
AINDA SÃO TRATADAS COMO ALGO
INFERIOR AOS HOMENS.



COMO SEMPRE GOSTEI DE LER E
QUE LESSEM PARA MIM, ESSA
PODERIA SER UMA EXPLICAÇÃO RACIONAL.
MAS EXISTEM MAIS COISAS, ÓGUILHERME
ENTRE O CÉU E A TERRA, QUE
EXPLICA SUA VÁ FILOSOFIA!



ENTÃO MINHA MÃE FICOU
ABSURDAMENTE BARRIGUDA
DE UM JEITO QUE NÃO
PARECIA NORMAL. FUI
APRESENTADO AOS MISTÉRIOS
DA REPRODUÇÃO HUMANA.

PERA... NÃO ESSES,
ESPERTINH@!

O DE QUE BEBÊS
SAIAM DA BARRIGA
DAS MÃES!



MEU IRMÃO, BERNARDO, NASCEU
E EU ERA UM IRMÃO MAIS
VENHO ORGULHOSO, MAS
UM POUCO APREENSIVO
PELA PARTE DE DIVIDIR
MEUS BRINQUEDOS,
TODOS. OS
MEUS
BRINQUEDOS



MINHA MÃE SEMPRE FOI E
CONTINUA SENDO UMA FUMANTE
INVETERADA. A NOTÍCIA DO
SEGUNDO FILHO PELOU ELA
E MEU PAI DE
SURPRESA.

MEUS PAIS MANDARAM FAZER, EM SÃO PAULO, NO FINAL DOS ANOS 80, UM EXAME SUPER HIGH-TECH PARA A ÉPOCA, A FIM DE AVALIAR OS CROMOSSOMOS DO MEU IRMÃO, QUE AINDA ERA UM FETO. APESAR DE HIGH-TECH, O EXAME VEIO DATILOGRAFADO.



APESAR DE TUDO ISSO, OS INOCENTES GUILHERME E BERNARDO SÓ FORAM FICAR SABENDO DA EXISTÊNCIA DESSE EXAME QUANDO FICARAM ADULTOS. DURANTE A INFÂNCIA, VIVERAM NO SEU MUNDO PROTEGIDO DE FANTASIA. QUANDO VOCÊ SE CONHECE NUM MUNDO DE ALTA FANTASIA, A QUEDA PARA A REALIDADE É MUITO MAIOR.

DESDE QUE TOMOU CONSCIÊNCIA DO EXAME, MEU IRMÃO COSTUMA RESMUNGAR SOBRE A CAPACIDADE DOS PAIS TEREM E MANTEREM FILHOS. EU SÓ FUI SABER MAIS TARDE O MOTIVO DOS RESMUNGOS.



Se não têm capacidade de criar, não tenham filhos! Eu nunca vi quem ter filhos!



Claro, eles já tiveram um filho defeituoso. Não vão querer ter outro assim, né'?

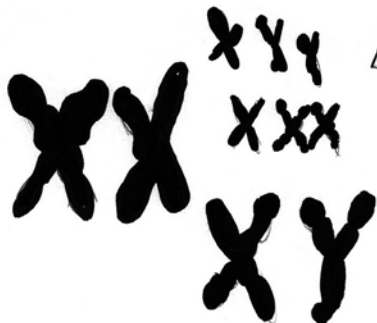
FOI O QUE EU PENSEI QUANDO OLHEI PARA AQUELE EXAME, EM UMA ÉPOCA EM QUE EU ANDAVA PARANOICO COM A MINHA SEXUALIDADE...



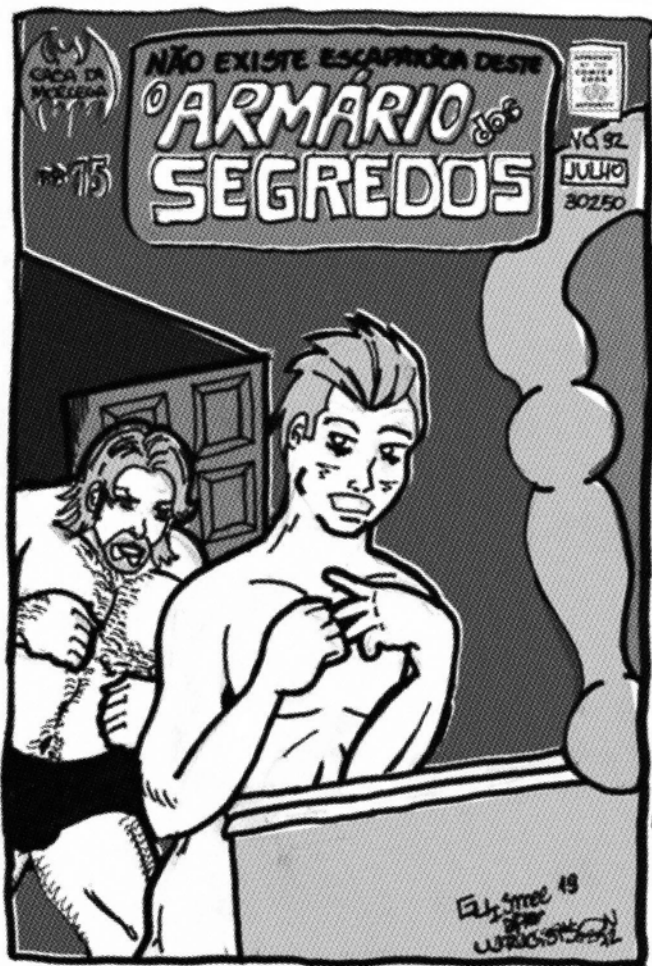
Nem tu e nem o Bernardo foram planejados!

ISSO TAMBÉM PORQUE UMA TIA MINHA ME CONTOU ESSE DETALHE UMA VEZ.

LEMBREI DAS AULAS DE GENÉTICA, DAS ABERRAÇÕES CROMOSSÔMICAS. SÍNDROME DISSO. COMPLEXO DAQUILO. UM "X" A MAIS. UM "Y" A MAIS. EU ERA UM DAQUELES O TEMPO TODO E ESCONDE RAM DE MIM ESSES ANOS A FIO.



"TUDO AQUILO QUE GUILHERME SABIA
SOBRE A SUA VIDA ATÉ ENTÃO ERA
UMA MENTIRA". DA MESMA FORMA QUE
ALAN MOORE REVITALIZOU TANTOS PERSONAGENS
COMO O MONSTRO DO PANTANO, EU TAMBÉM
ESTAVA ME TRANSFORMANDO EM UMA COISA
VISCOSA, AMBÍGUA, NUM MONSTRO...



MAS EM
VEZ DE
AQUILO ME
REVITALIZAR,
SUGAVA
TODAS
MINHAS
ENERGIAS.

SEGREDO,
SEGREDO E
MENTIRINHAS
BRANCAS...

SEXO VS. GÊNERO

Para muitos teóricos, como **Judith Butler**, é preciso assumir uma diferenciação de conceitos entre gênero e sexo. Para ela, o gênero é algo ligado à repetição e à decantação de longo termo assumindo uma determinada identidade. “O médico que recebe a criança e pronuncia: **‘É uma menina’** - começa com uma longa série de interpelações pelas quais a menina é transitivamente feminilizada: o gênero é repetido ritualmente, através do qual a repetição ocasiona o risco de falha e do efeito de sedimentação” (BUTLER, 1997, p. 49). Já “[...] o ‘sexo’ é aquele que marca o corpo antes de sua marca, fixando com antecipação que posição simbólica o marcará e esta última ‘marca’ é a que parece ser posterior ao corpo, que atribui retroativamente uma posição sexual a um corpo (BUTLER, 2002, p. 149).

Por isso, neste trabalho optamos por utilizar do conceito e da expressão “identidade de gênero”, por meio dos pressupostos de Judith Butler. No livro *Problemas de Gênero*, a autora traça uma evolução histórica do conceito de gênero para poder desenvolver sua teoria do gênero como performance. Ela começa com a célebre frase de **Simone de Beauvoir**: “**não se nasce mulher, se torna mulher**” e então explica, de acordo com sua teoria, como a filósofa francesa se encaixa nela: “Beauvoir, é claro, só queria sugerir que a categoria das mulheres é uma realização cultural variável, um conjunto de significados que são assumidos ou absorvidos dentro de um campo cultural e que ninguém nasce com um gênero - **o gênero é sempre adquirido**”. Desse jeito, para Butler, “o gênero é a construção cultural variável do sexo, uma miríade de possibilidades abertas de significados culturais ocasionados pelo corpo sexuado” (BUTLER, 2017, p. 194).

Ao mesmo tempo, para **Joan Scott** (apud TORRÃO FILHO, 2005, p. 135), “o gênero é uma primeira tentativa de dar significado a relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. O discurso do gênero constrói o masculino e o feminino e suas respectivas identificações dentro de limites que devem ser mantidos perante a sociedade, ao mesmo tempo que denuncia as diferenciações sociais binárias pretensamente justificadas pela naturalidade de seus pressupostos. “Não apenas mulheres aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também **os homens são vigiados na manutenção da sua masculinidade**” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 139). Por isso, segundo Scott, o gênero transforma seres biológicos em seres sociais, ou seja, seres fabricados pela cultura.

Em *Problemas de Gênero*, Butler explicita que os corpos possuem não uma identidade inata, entretanto, a sociedade penaliza as pessoas que não se encaixam nas expectativas de gênero. O gênero, como a nossa sociedade o constrói, é **“um ideal que ninguém pode encarnar”** (BUTLER, 2017, p. 176) e serve para demonstrar a complexidade das expectativas sócio-culturais. Contudo, os indivíduos fazem o seu melhor para conseguir emular o gênero de forma convincente, em um esforço para criar pelo menos a aparência de uma identidade socialmente adequada.

Por ser individual e social, a identidade sexual de cada um é formada através de um comprometimento dinâmico do discurso com o desejo sexual que compõe sua posição sócio-cultural. Dessa forma, **Cohler e Hammack** (2009) acreditam que um relato de si ou o ato de relatar a si mesmo contribui para a legitimidade do desejo por pessoas do mesmo sexo dentro do percurso do indivíduo em construir sua identidade sexual. Contudo, os autores esclarecem que esse processo para pessoas heterossexuais é relativamente inconsciente e

não é particularmente deliberado. Portanto, os autores enfatizam o fato de que **a identidade, não é construída apenas através da narrativa, mas do engajamento narrativo**. Assim, muitas vezes o engajamento da narrativa em busca de uma justificativa para a identidade sexual e o desejo relacionado a ela podem ser confundidos e apropriados de formas semelhantes à atribuição de uma identidade de gênero.

Butler afirma que as repetições do atuar através de um gênero têm a ver “quase sempre com a **repetição de normas de gênero opressoras e dolorosas** para forçar sua resignificação. Isso não é liberdade, mas uma questão de como **administrar a armadilha** na qual o sujeito inevitavelmente se encontra” (BUTLER apud NELSON, 2017, p. 20).

Isso quer dizer que o gênero que apresentamos não é uma “opção sexual”, como dizem as pessoas leigas no assunto, nem mesmo uma “orientação sexual”, uma vez que nascemos com órgãos sexuais que nos impelem a performar determinadas normas de comportamento de gênero. Nesse caso, tanto o homossexual quanto o heterossexual se apresentam cerceados por determinadas expectativas que devem cumprir para representar seu papel social previamente determinado desde seu nascimento.

PARA RESUMIR:

SEXO

Órgãos reprodutores com os quais se nasce. Classificação de fundo biológico.

GÊNERO

Fator social que se dá através de diversas repetições, constituindo a performatividade de gênero. Construído culturalmente.



AMIGA



COM A CHEGADA DO MEU
IRMÃO, EU ACABEI ME
ESQUECENDO DE ALGUÉM
IMPORTANTE



UMA PESSOA QUE
ME ACOMPANHAVA
PARA TODOS OS
LADOS, E QUE
BRINGAVA
COMIGO



TENHO UMA NÍTIDA
REMBRANÇA, TALVEZ A MINHA
MAIS ANTIGA, DE ESTAR
BRINCANDO COM ELA
NA CAMA DOS MEUS
AVÓS, ENQUANTO O
SOL BATIA SOBRE NÓS.



ELA ERA A
TINININHA,
MINHA AMIGA
IMAGINÁRIA

②



ESCREVENDO ESSA PARTE
DA HISTÓRIA, ME LEMBREI
DA TEORIA DA
PSICANÁLISE
JUNGUIANA QUE
FALA SOBRE A
ANIMA



PARA JUNG,
A ANIMA É O
PADRÃO FEMININO
GRAVADO NO
INCONSCIENTE
MASCULINO.

TALVEZ,
TINININHA
FOSSSE MINHA
ANIMA, O MEU
LADO FEMININO NÃO SÓ
INCONSCIENTE, MAS
CONCRETIZADO NA MINHA FRENTE.



JUNG DIZ QUE TODO SER
HUMANO É ANDRÓGINO. E QUE
A ANIMA É O REFLEXO
FEMININO NA PSIQUE
DO HOMEM.



SEPARAR O MEU LADO
FEMININO DO MEU
MASCULINO FOI UMA
LUTA CONSTANTE NESTA
EXISTÊNCIA, NÃO SÓ NA
MINHA, COMO A DE MUITOS,
MESMO SABENDO QUE UM
LADO NÃO VIVE SEM O OUTRO

COM MEU IRMÃO AQUI,
EU NÃO TINHA MAIS
NECESSIDADE DE UMA
COMPANHIA IMAGINADA.

AGORA, EU
TINHA ALGUÉM
CONCRETO.

TINININHA
SE FOI.
MAS A HISTÓRIA
FICA MAIS
ESTRANHA.

PARA AQUELES QUE ACREBITAM NO
ESPIRITISMO DE ALLAN KARDEC (O QUE
NÃO É MEU CASO, MAS ERA UMA CRENÇA
EM ALTA NA NOSSA CIDADE), VAI SER
MAIS INTERESSANTE.



MINHA TIA
MÁS VELHA E MEU
TIO TIVERAM UMA FILHA,
QUE NASCEU ANTES DE MIM,
MAS QUE SOBREVIVEU POR APENAS
TRÊS DIAS.



UM DIA,
MINHA TIA
ME DISSE:



Uma médium
me falou que teu
irmão é uma
reencarnação de
minha filha...



NO INÍCIO EU
FIQUEI INTRIGADO,

MAS DEPOIS PENSEI
NA "EXISTÊNCIA" DA
TINININHA. ELA ESTEVE
COMIGO DURANTE O TEMPO
QUE MEU IRMÃO NÃO ESTEVE.

QUANDO EU TINHA POR VOLTA DE CINCO ANOS, E O MEU IRMÃO TINHA UM ANO, MINHA MÃE RESOLVEU 'PERGUNTAR'.



Quê! O que
deixou com a
Timminha? Tu não
fala mais
'nele!'



Menem? Mas
menem de
quê?



A Timminha
menem, mãe!



Menem de
AIDS!

ACHO QUE MINHA MÃE DEVE TER FICADO CUCADA COM A MINHA RESPOSTA, PORQUE CONTA ESSA HISTÓRIA ATÉ HOJE. ERAM OS ANOS 80. A PÍCE DA EPIDEMIA DA AIDS, QUANDO ERA CONSIDERADA O INFAME "CÂNCER GAY". EU NEM SABIA DA EXISTÊNCIA DE GAYS. E NEM MINHA MÃE - EU ACHO -, NEM EU, SABÍAMOS QUE EU TINHA ALGUMA TENDÊNCIA GAY.

SUJEITANDO-SE

Uma “fabricação de identidade” enquanto performance manufaturada conforme nos expõe Butler encontra algumas críticas, como a de **Paula Sibilia**, que acredita que isso seja um fenômeno de sujeição à sociedade industrial. Pois, “ao responder com suas próprias vozes às demandas de falar de si e da própria sexualidade, os sujeitos estariam **alimentando as voragens engrenagens da sociedade industrial**, que precisa saber para aperfeiçoar seus mecanismos de sujeição” (SIBILIA, 2016, p. 107).

Esses mecanismos de sujeição estão extremamente azeitados na construção sócio-cultural, mas quando dão conta do aspecto da diferenciação de gênero, acabamos nos deparando com **construções e convenções culturais que buscam encarcerar os indivíduos em ideias e conceitos de gênero**. Essas convenções culturais de gênero podem ser chamadas de **heterossexismo, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade**. Richard Miskolci simplifica a definição destes termos da seguinte forma:

Heterossexismo é a pressuposição de que todos são, ou deveriam ser, heterossexuais. Um exemplo de heterossexismo está nos materiais didáticos que mostram apenas casais formados por um homem e uma mulher. A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. Ela se expressa, frequentemente, de forma indireta, por exemplo, por meio da disseminação escolar, mas também midiática, apenas de imagens de casais heterossexuais. Isso relega à invisibilidade os casais formados por dois homens ou duas mulheres. A heteronormatividade é a ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero. Em outras palavras, heterossexismo, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade são três coisas diferentes, conceitos importantes que nos ajudam a entender a hegemonia cultural hetero em dimensões diferentes (MISKOLCI, 2016, p. 46 e 47)

Portanto, na concepção de Judith Butler, a identificação original com determinado gênero ou sexo não serve como causa determinante, como poderia dizer a psicanálise, mas:

[...] a identidade de gênero pode ser reconhecida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção. (BUTLER, 2017, p. 238 e 239)

São esses os alicerces da discussão de Butler que a permitem definir gênero como “uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço de tempo por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2017, p. 242).

Em outra obra, a filósofa completa: “A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que **certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’** – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’” (BUTLER, 2017), denotando mais uma vez a **complexidade da classificação e separação** de um indivíduo dentro de apenas um gênero.

Na direção contrária a essa normatização sociocultural vem o desejo, uma força que pode se revelar muito potente. É olhando por esse enfoque que a identificação se faz importante para o contexto homossexual. Uma vez que é ela que garante a coesão de grupos com desejos semelhantes e que possam conviver uns com os outros de maneira que a pressão social por normalidade seja atenuada. Portanto, para Butler, **o ato de se identificar não significa oposição ao desejo**. “A identificação é uma trajetória fantasmática e uma resolução do desejo; adotar um lugar; territorializar um objeto permite a identidade mediante a resolução temporal do desejo, mas esse último continua sendo desejo, ainda que seja apenas em sua forma repudiada” (BUTLER, 2002, p. 152).

Vale, mais uma vez, destacar a natureza do desejo humano, conforme Butler explora nos pressupostos da psicanálise freudiana. **O desejo é volátil e volúvel.** Num dia queremos algo, no outro não queremos mais. Isso ajuda a transformar a identidade da pessoa dentro do seu devir. Quem eu fui ontem não é o mesmo que sou hoje e nem que serei amanhã. Aliada ao desejo, a sexualidade está em pleno movimento. Ou, como afirma **Deborah Britzman**, “**a sexualidade é a própria alteridade**” (2000, p. 66).

Dessa maneira, nós entendemos que a identidade sexual se constrói de forma semelhante à que acontece com a identidade de gênero, mesmo que muitas vezes a dimensão sexual e a dimensão de gêneros não sejam correlatas.

Para Cohler e Hammack, os indivíduos, depois de terem vivido uma parte significativa de suas vidas inseridos em um dado contexto sócio cultural, vêm a reconhecer os significados das **categorias de identidades disponíveis para eles**. A partir de então, os sujeitos “precisam tomar decisões (conscientes ou não) sobre sua relação com seu próprio desejo sexual e com o discurso disponível que faça sentido para aquele desejo” (COHLER e HAMMACK, 2009, p. 13).

PARA RESUMIR:

CONVENÇÕES CULTURAIS DE GÊNERO

HETEROSSEXISMO

É a pressuposição que todos devem ou deveriam ser heterossexuais.



HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

Imposição do modelo de relações amorosas ou sexuais entre pessoas de sexo oposto. Geralmente expressada de forma indireta. Como por exemplo, na cultura popular, e nas mídias.

HETERONORMATIVIDADE

Ordem sexual do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo. Expressa de modo direto com violências simbólicas e físicas dirigidas a quem rompe as normas de gênero.



QUEEN



EM MUITOS
PAÍSES DE
LÍNGUA INGLESA,
A PALAVRA "QUEEN"
ALÉM DE SIGNIFICAR
RAINHA, TAMBÉM
SIGNIFICA HOMOSSEXUAL
MASCULINO.



COMO NA BANDA "QUEEN"
DE FREDDIE MERCURY, QUE
CANTA "I WANT TO BREAK FREE!"



NO BRASIL,
TAMBÉM
TIHAMOS
NOSSA RAINHA,
QUE
DESENVOLVEU
— POR ACIDENTE —
MUITAS QUEENS
PELO BRASIL.
ELA ERA MARIA
DA GRACA MONEGHEI,
A XUXA, A RAINHA
DOS BAIXINHOS!

Hoje agora vamos, pega, estica
e puxa! E viva a festa
de Xuxa!!!



Xuxa da Xuxa
Rua Setembrino de Brito, 74
Jardim Botânico
Rio de Janeiro
CEP 22470

EU E A MINHA PRIMA NATI ÉRAMOS VÍDRAS DA XUXA. NAQUELA
ÉPOCA NOSSO SONHO ERA PARTICIPAR DO XOU DA XUXA OU
TER UMA CARTA DA GENTE LIDA NO PROGRAMA. TINHA QUE
ESCREVER AS "TRÊS COISA QUE VOCÊ MAIS GOSTA E AS
TRÊS QUE VOCÊ MENOS GOSTA NO XOU".

NO XOU DA XUXA, O PROGRAMA
TODO ENVOLVIA BRINCADEIRAS
EM UMA COMPETIÇÃO ENTRE
MENINOS E MENINAS. MENINOS
VESTIAM AZUL E MENINAS
VESTIAM ROSA, CLARO! #SON

OXO
X
A



MODERNINHA

Loira, com chuquinhas para parecer criança.

Olhos azuis.

Abaque coubea com muletoxxx de xxxu xxxa!

Chegava numa nave espacial cheia de fumaça pra todo lado, claramente uma apologia a viagens de alucinógenos e suas fumaças.

Ombreiras largas e poderosas.

Microfone com adereços para o falo ficar mais atrativo.

Sainhas ou calcinhas para aparecerem as coxas.

Auxiliada por meninas chamadas Paquitas - diminutivo de Páco - seu exército de escravas.

Andava com um mosquito chamado Dengue que tinha muitos braços para agarrar as crianças.

Seu outro ajudante, claro, era um anão que se chamava Praga.

Botas de cano altíssimo que respiravam bondade e sadomasoquismo.

Ela tinha um amigo gay que lia as cartas com ela que era o Moderninho.



XUXA TOMAVA
O CAFÉ DA
MANHÃ COM
OX BAIXINHOX...

Nox Biracitor!!!



... ANOX MAIS TARDE,
A XUXA ATÉ LEVOU A
BANDA ESTADUNIDENSE
"GILLETE" NO SEU
PROGRAMA INFANTIL.
JUNTAS, XUXA, A
VOCALISTA DA "GILLETE"
E AS CRIANÇAS
ENTOARAM EM CORO
O SUCESSO DA
BANDA...

... XUXA FAZIA
EXERXÍKIOX COM
AX PERNAX BEM
EXTICADAX...



Don't want
short dick
mon!!!



CERTO DIA EU
ESTAVA VENDO
O XOU DA
YUXA. PARA
MEU DESENHO
AS MENINAS
GANHARAM
MAIS uma vez.

BEM MACHUKO, ME IRRITEI
COM ESSE FATO E COMECEI
A SOCAR A TELA DA TEVE...

DAQUELE DIA EM
DIANTE, A TEVE
NUNCA MAIS
FUNCIONOU. FOI
PRECISO COMPRAR
UMA NOVA.





CERTA VEZ BRIGUEI
COM O MEU PAI
PORQUE NÃO QUERIA
COMER. COLoquei
UMA FITA CASSETE
DA XUXA NO ÚLTIMO
VOLUME E ESPEREI
ELE CHEGAR.

Hey, machão! Você não
está com nada!
Você é um piada!
Quero ver você me
perguntar!!!



QUANDO ELE CHEGOU,
NÃO OUVIU SÓ A MÚSICA
ALTA, MAS EU CANTANDO.
CLARO QUE EU
APANHUEI: MAS O QUE
EU ACNO MAIS
EMBASBACANTE ERA QUE,
AOS SEIS ANOS, EU
TINHA NOÇÃO QUE MEU
PAI SE ACHAVA UM MACHÃO.

COM A MÚSICA DA XUXA, EU
QUERIA DIZER QUE A ATTITUDE
DELE "NÃO ESTAVA COM NADA".
NÃO PRECISO DIZER QUE ELE
ODIAVA A XUXA, OU AO MENOS
ME PARECIA QUE SIM.





Rapaaaiz!

TU É GAY! TU É GAY QUE EU SEI!
TU É GAY! TU É GAY QUE EU SEI!



EU ASSISTIA, EXTREMAMENTE CONSTRAÍDO,
PROGRAMAS DE TU COM MEU PAI.

NÃO PELA GOSTO DO MEU PAI, MAS
PELO CONTEÚDO HO MOPÓBULO
QUE CONTINHA, NUMA ÉPOCA QUE
EU ME DESCOBRIA GAY, A
ADOLESCÊNCIA.



TINHA UM
QUADRO NO
ZORRA TOTAL
COM O LÚCIO
MAUJO FILHO E
O JOSE DÓRIA
QUE ME DAVA
VONTADE DE ME
ESCONDER TODA
VEZ QUE EU VIA.

ERA SOBRE UM PAI QUE
ADORAVA CONTA VANTAGENS
DE COMO SEU FILHO ERA
UM MACHÃO.



MAS QUANDO O FILHO CHEGAVA,
TODO PRODUZIDO, CHEIO DOS
TELEQUETEQUES, SARCOTICOS E
BALA COBACOS, TODO MUNDO
PERCEBIA QUE ELE ERA GAY.
E PAULO SILVINO DIZIA SEU BORDÃO:

Tem
pai
que é
cego!





AINDA NO TEMPO DA TELEVISÃO, SILVIO SANTOS TINHA UM QUADRO NO PROGRAMA "SHOW DE CALOUROS" - O PROGRAMA FAVORITO DA NOSSA FAMÍLIA AOS DOMÍNIOS QUANDO COMÍAMOS CHURRASCO OU GALETO REQUEIJADOS - EM QUE ELE APRESENTAVA OS TRANSFORMISTAS.

OS TRANSFORMISTAS ERAM HOMENS VESTIDOS DE MULHER QUE DUBLAVAM MÚSICAS. (DE MULHERES, É CLARO!) HOJE EM DIA É ALGO PARECIDO COM AS PERFORMANCES DAS DRAG QUEENS



SINCERAMENTE, TENHO DE DIZER PARA VOCÊS. EU NÃO VIA GRÇA NENHUMA NUM HOMEM VESTIDO DE MULHER CANTANDO, QUANDO CANTAVA.



EU NÃO VIA A PERFORMANCE POR TÁ, PORQUE, ORA BOMAS, EU TAMBÉM IMITAVA A XUXA CANTANDO E DANÇANDO. O QUE ISSO TINHA DE MAIS PARA APARECER NA TV?

PIOR, PARTE. DO PROGRAMA. DE. TODAS!

DEMONSTRANDO

Para debatermos o que é homossexualidade, começamos apresentando as palavras de Judith Butler: “Um homossexual é aquele **cuja definição deve ser deixada aos outros**, que é negado o ato de autodefinição em relação à sua sexualidade” (BUTLER, 1997, p. 105). Ou seja, não é o homossexual que precisa se definir dessa forma, mas as pessoas que constituem a sociedade e percebem essa diferença como uma ameaça, levando, então, à criação de todo um **sistema de normas regras socio-culturais** que preveem que **o homossexual deve denunciar a si mesmo**, caso contrário, será denunciado por outrem. Ou, resumindo através das palavras de Butler, “O termo ‘homossexual’ vem assim descrever uma classe de pessoas que devem continuar **proibidas de se definir**; O termo deve ser atribuído sempre de outro lugar” (BUTLER, 1997, p. 105).

Para que essa regulação seja mantida, a sociedade desenvolveu inúmeros “cabrestos”, para **manter os homossexuais invisibilizados** e seguindo seus preceitos e valores. Por que se por um lado o gay deve ser identificado, e denunciado à sociedade por sua “má-conduta” social, **ser homossexual é uma vergonha**, é algo terrível e vexatório, cujas ações devem ser escondidas. “As restrições à auto-definição homossexual sugerem que o próprio circuito de auto-proibição necessário para a produção e manutenção do sentimento social não pode mais ser garantido pela consciência, que a consciência não está mais a serviço da regulamentação social” (BUTLER, 1997, p. 110). Portanto, **o pecado, a culpa, a transgressão das leis**, a possibilidade de burlar um acordo tácito de comportamentos sociais e sexuais, **são o freio da agência homossexual**.

A identidade de gênero, que hoje define os limites do masculino e do feminino, não passa de uma **repetição de determi-**

nados atos sociais que reiteram ou desconfirmam ideias de como um determinado sexo deve se portar em sociedade. “Assim, o gay é para o hétero, não como a cópia é para o original, mas sim, **como cópia é para a cópia**. A repetição paródica do ‘original’ [...] revela que o original não sendo nada além de uma paródia da idéia do natural e do original” (BUTLER, 2017, p.31).

Nicholas O. Rule e Ravin Alaei (2016), identificaram quatro dimensões em que a queerness pode ser identificada. São **os quatro “A”s**. **Adornos**, ou seja, a forma como a pessoa se veste e se enfeita; **Ações**, ou seja, a forma como as pessoas se movem e gesticulam; **Acústica**, ou a forma como falam ou soam; e a **Aparência**, que inclui asseamento, rostos, constituição corporal, penteados, enfim, como as pessoas se parecem. Os pesquisadores repararam que nos adornos, a inversão de gênero é o que mais pontua a queerness. Entretanto, é na dimensão das ações que a queerness mais se revela, com os gays se movendo e gesticulando como mulheres heterossexuais e as lésbicas como homens heterossexuais. Estudos afirmam que as pessoas queer tendem a soar diferente das pessoas heterossexuais de mesmo gênero. Contudo, afirmam os estudiosos, que é necessário ampliar a pesquisa para estabelecer quais, realmente, são essas diferenças. Quanto à aparência, os estudos afirmam que uma foto de rosto não é capaz de definir a sexualidade de um indivíduo, entretanto, os tratos faciais em movimento podem ser reveladores.

Porém, a descoberta da condição de estigmatizado, desse “segredo”, pelas pessoas queer não só **prejudica as relações na sociedade** como a imagem que os outros têm da pessoa, desgastando não só a aparência, mas a reputação da mesma. “O estigma ou o esforço para escondê-lo ou consertá-lo fixa-se como parte da identidade pessoal. Daí o crescente desejo de um **comportamento inadequado quando se usa uma máscara**, ou quando se está longe de casa” (GOFFMAN, 2013, p. 14).

É desse terrorismo cultural que brota a injúria, o xingamento e, portanto, a estigmatização. Quando a pessoa chama alguém de “bicha” ou de “sapatão” está classificando e denomi-

nando o outro como algo abjeto, impuro, um horror de que se quer distância com **medo de ser contaminado**. Essa classificação gera um **evento traumático**, fazendo com que a representação de si mesmo e através dos outros seja desafiada e, ao mesmo tempo, difundida.

Por sabermos da fragilidade de uma identidade autoconstruída e sua dependência da visão do outro, a nomeação de alguém causa uma disrupção nessa percepção, seja ela apenas como apelido ou como um xingamento. “O nome tem, portanto, uma historicidade, o que pode ser entendido como a história que se tornou interna para um nome, passou a constituir o significado contemporâneo desse nome: [...] **uma repetição que congela, que dá ao nome sua força**” (BUTLER, 1997, p. 35).

PARA RESUMIR: O PROJETO IDENTITÁRIO DE GÊNERO PODE SER EVIDENCIADO A PARTIR DE 4A's

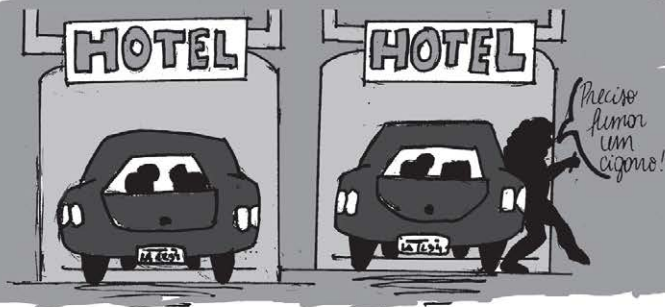


*Imagem retirada de Fun Home: Uma Tragédia em Família, de Alison Bechdel. Todos os direitos reservados à autora.



PARTE

FOI NO VERÃO DE 1994
QUE TUDO COMEÇOU...
OU MELHOR... COMEÇOU
A ACABAR.



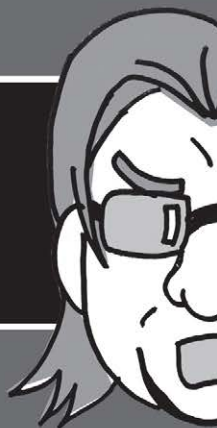
Olha para a tua mãe!
Tá gorda que nem uma porca.

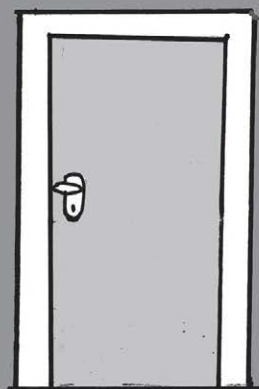


Eu acho que vou me
separar dele, o que
tu achas, Gue? E aí,
tu vais morar comigo,
né? Porque o Ben
não prefere ele...



A felicidade é como a gota
De orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila
Depois de leve oscila
E cai como uma lágrima de amor
Tristeza não tem fim
Felicidade sim

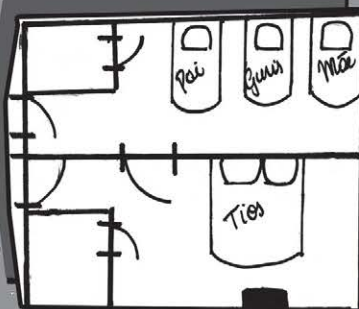




NARQUELE VERBAS
PASSAMOS AS FÉRIAS
NUM QUARTO DUPLO
COM MEUS TIOS. O
QUE SEPARAVA OS
DOIS QUARTOS ERA
UMA PORTA. SÓ O
QUARTO DOS MEUS
TIOS TINHA TVÉ.
O QUARTO QUE EU
E O MEU IRMÃO
FICAMOS COM MEUS
PAIS TINHA TRÊS
CAMAS. EU E O BÊ
DIVIDÍAMOS UMA.



Meneu, hoje, o músico e
compositor Antonio Carlos Jobim,
conhecido como Tom Jobim, na
cidade de Nova York. Tom foi
um dos fundadores da bossa nova,
estilo de música que foi muito
cultuado no Brasil e fora dele nos
anos 1960.

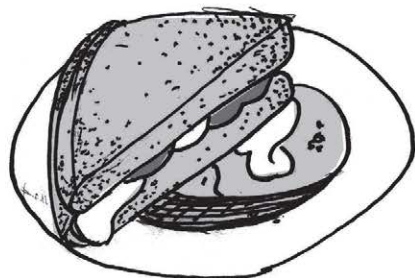


AQUELA NOTÍCIA FEZ DO PARTE DA
MINHA FAMÍLIA COMO UMA BOMBA.
OS ANIMOS JÁ NÃO ESTAVAM LÁ MUITO
BONS. AQUELE DIA FOI TERRÍVEL. NEM
MEUS TIOS NEM MINHA MÃE QUISERAM
SAIR DO QUARTO DE HOTEL.



NA MANHÃ SEGUINTE, MEU PAI NOS LEVOU PARA O CAFÉ DA MANHÃ, PORQUE OS DEMAIS PREFERIAM FICAR NO QUARTO.

PELA PRIMEIRA VEZ EU COMEÇAVA A ME DAR CONTA DO FANTASMA DA DEPRESSÃO NA NOSSA FAMÍLIA. SÓ NÃO SABIA QUE ISSO SE CHAMAVA DEPRESSÃO.



DE TARDE, EU, MEU PAI E MEU IRMÃO, COMEMOS UMA TORRADA CADA UM. MEU PAI ADORAVA ECONOMIZAR. AQUELA FOI A MELHOR TORRADA QUE COMI NA VIDA. NÃO TINHA NENHUM GOSTO ESPECIAL. MAS ERA UM ALÍVIO SAIR DAQUELE QUARTO.

MEU PAI RECLAMAVA DE TUDO, A TODA HORA, MAS NAQUELE VERÃO, AS RECLAMAÇÕES DELE ME ABRILHAM OS OLHOS PARA MUITA COISA.





MEU TIO, QUE ALÉM DE MÉDICO
TAMBÉM ERA MÚSICO, VENERAVA
TOM JOBIM. ELE FICOU MUITO
ABALADO. MINHA TIA E ELE
FICARAM TRANCADOS NO QUARTO
DORMINDO. MINHA MÃE TAMBÉM
DORMIA.

EU E MEU IRMÃO
QUERÍAMOS IR À PRAIA,
MAS CHOVIA CÂNTAROS.
AQUELE SERIA O PRIMEIRO
VERÃO QUE EU USARIA
CALÇÃO DE BANHO E NAS
SUNGAS. TINHA VERGONHA DAS
MINHAS COXAS, QUE JULGAVA
GROSSAS DEMAIS. COMEÇAVA
MINHA ADOLESCÊNCIA.



É pau, é pedra, é o
fim do caminho
É um resto de toco,
é um pouco
sozinho
É madeira de vento,
tombo da
ribanceira
É o mistério
profundo, é o queira
ou não queira
É o fundo do poço,
é o fim do caminho
No rosto,
o desgosto, é um
pouco sozinho.



A CHUVA LÁ FORA
CONTINUAVA E,
EMBORA A PRAIA FOSSE
QUINTAL DO HOTEL,
O TEMPO ESTAVA
NEBULOSO DENTRO E
FORA DO QUARTO
DE HOTEL...

O QUE SALVOU AQUELE VERÃO, ENTÃO, FORAM AS REVISTAS DOS X-MEN,
PERSONAGENS DA MARVEL QUE DESCOBRIMOS NA TELÉ MÊSES
ANTES, E AGORA, DESCOBRIMOS NOS QUADRINHOS.



ME DEPARAR MAIS FORTEMENTE COM
OS X-MEN, "MUTANTES PODEROSOS QUE
JURARAM PROTEGER A HUMANIDADE
QUE OS TEME E ODEIA" NAQUELE
MOMENTO, NÃO PARECIA POR ACASO.
COMEÇOU A ADOLESCÊNCIA, MOMENTO
EM QUE EU IRIA COMEÇAR A ME
SENTIR UM PÁRIA DESLOCADO NO
MEIO DE UMA "SOCIEDADE QUE ME
TEME E ME ODEIA".

Vai meu coração
ouve a razão
Usa só sinceridade
Quem semeia vento,
diz a razão
Colhe sempre tem-
pestade



SE NOS X-MEN HAVIAM
PERSONAGENS MIMIZENTOS
COMO CICLOPE, QUE NÃO PODIA
OLHAR DIRETAMENTE PARA AS
PESSOAS SEM DISPARAR
RAJADAS DOS OLHOS;



OU UAMPIRA, QUE NÃO PODIA TOCAR AS
PESSOAS SEM QUE ABSORVESSE SUAS
ENERGIAS E MEMÓRIAS, AOS POUCOS EU
TAMBÉM IA ME SENTINDO COMO UM
MUTANTE.



Breve é o dia, breve
é a vida
De breves flores na
despedida
Longa é a dor do
pecador, querida
Breve é a dor do
trovador, querida

MAS ACHO QUE EU ME SENTIA MAIS
PARECIDO COM A MÍSTICA, UMA VILÃ
QUE SE PASSAVA POR OUTRAS PESSOAS.
COMO A MÍSTICA, EU PRECISAVA ME
PASSAR POR OUTRO(S). MAS O MEU
MOTIVO NÃO ERA FAZER O MAL. ERA
PORQUE ERA IMPEDIDO DE DESEJAR.
DESEJAR PESSOAS DO MESMO SEXO.

NÃO DEMOROU MUITO TAMBÉM
PARA MEUS COLEGAS, AO
PERCEBEREM ESSA
"DIFERENÇA", COMEÇARAM
A ME DEIXAR DE LADO.
LOGO, EU PASSAVA A
ENFRENTA A TAL
SOCIEDADE TEMEROSA
E ODIOSA.





NÃO
NÃO
NÃO

MEU PAI SAIU DE CASA MAIS
OU MENOS DOIS ANOS DEPOIS
DAQUELE UÉBÔ E BRIGAS
CONSTANTES.

EU FIQUEI MUITO DESCONSOLADO
COM A PARTIDA DELE. SEMPRE
FUI UMA "DRAMA QUEEN" DE
PRIMEIRA



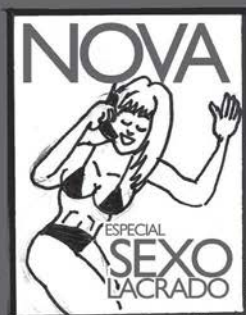
O GUILHERME QUE
JÁ ESTAVA DIVIDIDO
DENTRO DA SUA PRÓPRIA
CABEÇA, COMEÇAVA A
SER SEPARADO ENTRE
UM HOMEM E UMA
MULHER. ISSO EM
VÁRIOS SENTIDOS.

QUEM VENCERIA ESSA DISPUTA
INTERNA E EXTERNA? QUAL
PARTE DE GUILHERME SERIA
DO HOMEM E QUAL SERIA DA
MULHER? SERIA A DE CIMA?
SERIA A DE BAIXO? SERÁ QUE
ELE VOLTARIA A SER INTEIRO
OUTRA VEZ? SERÁ QUE ELE
JÁ FOI ALGUMA VEZ?



Passarim quis pousar, não deu, voou
Porque o tiro partiu mas não pegou
Passarinho, me conta, então me diz:
Por que que eu também não fui feliz?
Me diz o que eu faço da paixão?
Que me devora o coração...

HAVIA OUTRO FRONT NESTA GUERRA DO(S) SEXO(S). E ELE ERA FORMADO POR UM COMBATENTE SILENCIOSO. MAS QUE ENTRAVA FREQUENTEMENTE EM NOSSAS CASAS.



MEU PAI TINHA
NA CASA DELE
(NO BANHEIRO)
AS REVISTAS
PLAYBOY E V.I.P.



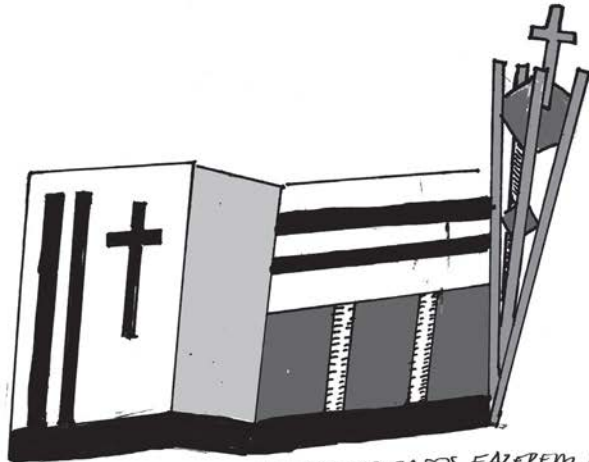
NÃO SE
ESQUEÇA:
NOS ANOS 90
NÃO TINHA
INTERNET.
NOSSA FONTE
DE "CONHECI-
MENTO" ERAM
AS REVISTAS.

EU GOSTAVA DA V.I.P. POR
CAUSA DO HUMOR E DOS
ANÚNCIOS DE CUECAS.

ENTÃO, ALGUMAS BOUSSAS
APARENTEMENTE INOCENTES
INGENHOAVAM MINHA
IMAGINAÇÃO. ELAS TINHAM
UM PODER DE MITIFICAR
O SEXO — COISA QUE
EU NÃO CONVERSAVA COM
NINGUÉM. NUNCA. — DE
UMA FORMA INCEIVELMENTE
INCORRETA E PODEROSA!



Olha
Está chovendo na
roseira
Que só dá rosa, mas
não cheira
A frescura das gotas
úmidas
Que é de Luísa, que é
de Paulinho,
que é de João
Que é de ninguém



TAMBÉM NAQUELA
ÉPOCA, EU ESTAVA
ACABANDO A
CATEQUESE. UMOS
LEMBRAR QUE NOS
ANOS 90, A IGREJA
CATÓLICA NÃO
ACEITAVA ENTRE SEUS
FIÉIS PESSOAS
SEPARADAS.

POR ISSO, PARA FILHOS DE PAIS SEPARADOS FAZEREM A
CATEQUESE, A "IGREJA" EXIGIA QUE AMBOS OS PAIS FIZESSEM
PARTE DOS GRUPOS DE FAMÍLIA - UMA ESPÉCIE DE GRUPO
DE ESTUDOS DA BÍBLIA DOS CATEQUIZANDOS.



NA MISSA CATÓLICA, NEM TODO MUNDO PRECISA
COMUNGAR - COMER DA HÓSTIA - APENAS AQUELES
QUE SE SENTIREM "PUROS", OU SEJA, SEM
DÍVIDAS COM JESUS CRISTO PARA PARTICIPAR
SEU CORPO E SEU SANGUE NAQUELE ATU
NAS MISSAS QUE ÉRAMOS "OBRIGADOS" A
IR EM FAMÍLIA, NUNCA VIA MEUS PAIS
COMUNGAREM. ELES FICAVAM COM
OS OLHOS MAREJADOS NESTA
HORA DA MISSA. PROVAVELMENTE
POR NÃO SE SENTIREM
"PUROS" PARA DIVIDIR
JESUS COM OS OUTROS.
AFINAL... ELES ERAM
SEPARADOS...



9



Táí nosso mais-que-perfeito está desfeito
E o que me parecia tão direito
Caiu desse jeito sem perdão
Então disfarçar minha dor já não consigo
Dizer que nós somos bons amigos
É muita mentira para mim

EVOLUINDO



A perda da identidade heterossexual, pela qual muitos queers passam é uma negação, um dos mecanismos de defesa do ego, postulados por Sigmund Freud. A negação de si, ou seja, da sua auto-identidade, conduz a **um misto de vergonha e de sentimento de marginalização**:

Segundo Sara Ahmed, ter vergonha é se sentir mal em relação a si mesmo diante dos outros, o que acarreta a autonegação. O sentimento de negação de si é considerado pelo sujeito como signo de sua derrota diante dos outros. Assim, a vergonha se assemelha à exposição - o outro viu o que eu fiz de mau e vergonhoso -, mas implica também o desejo de esconder, o que requer que o sujeito se afaste dos outros. Ser visto em sua derrota é ser exposto à vergonha, ter testemunhas de sua vergonha é ainda mais vergonhoso. A individuação da vergonha que volta o eu contra e para si pode se ligar à intercorporeidade e à sociabilidade das experiências da vergonha. A marginalização (apartness) do sujeito, que se intensifica pelo retorno do olhar, é sentida no momento de exposição diante dos outros, uma exposição que é ferida. (FIGUEIREDO, 2015, p. 132)

Judith Butler, em seu livro *Quadros de Guerra* (2016) também utiliza a palavra enquadramento para definir estigmatização. Enquadramento, para a filósofa, possui um duplo significado. Pode, sim, ser tomado naturalmente como uma seleção, um destaque, uma forma de destacar o que vemos, pensamos e conhecemos. Por outro lado, pode significar **cerceamento, incriminação, armação, “colocar o outro em seu lugar”**. Essas pessoas podem ser julgadas e marcadas como “algo que está vivo, mas **não é uma vida**”. Situa-se fora do enquadramento fornecido pela norma, mas apenas como um duplo implacável cuja ontologia não pode ser assegurada, mas cujo estatuto de ser vivo está aberto à apreensão” (BUTLER, 2016, p. 22).

Porém, como a mesma autora virá a afirmar, “uma determinada maneira de organizar e apresentar a ação leva a uma

conclusão interpretativa acerca da própria ação” (BUTLER, 2016, p. 23), uma afirmação que se aproxima da máxima “**o meio é a mensagem**” de **Marshall McLuhan** (2002). Iremos perceber que durante o século XX, essa escolha de ações, e principalmente de performances, estará muito mais presente nos artistas que buscaram retratar a si mesmos de formas diferentes do convencional.

Enquanto em realidade somos sujeitos fraturados, permeáveis à mais frágil mudança, nossas representações de si nas redes sociais nos mostram como **indivíduos íntegros, perfeitos e incontestavelmente felizes**. Para Judith Butler, em tudo que é enquadrado, por fim “algo ultrapassa a moldura que atrapalha nosso sentido de realidade; em outras palavras, algo acontece que não se ajusta a nossa compreensão estabelecida das coisas” (BUTLER, 24, 26 e 28). Portanto, a arte ao mesmo tempo precisa se enquadrar à normatividade enquanto rompe com ela, mas as **selfies e demais representações de si em redes sociais** não possuem esse compromisso. Assim, nas redes sociais vemos aflorar uma paixão por si mesmo tanto nas imagens quanto nas opiniões incontestáveis, algo que poderia ser um narcisismo sintomático.

Pegamos emprestado a classificação de **Jeffrey Weeks** (2000) para resumir as formas como a identidade sexual é encarada hoje em dia. Temos, em primeiro lugar, **a identidade como destino**. No caso do nosso corpo, o nosso gênero está dado de acordo com nossos órgãos sexuais. Isso supõe que o corpo expressa, de certa forma, uma verdade fundamental. Em segundo lugar, temos **a identidade como resistência**, como um apurado sentido do si mesmo, atingido através da luta contra os preceitos sociais. Para os indivíduos queer, “a descoberta da identidade era como **descobrir um mapa para explorar um novo país**” (WE-EKS, 2000, p. 53). Por fim, temos **a identidade como escolha**, que abre a questão de quanto as identidades estigmatizadas pela sociedade são, ao fim e ao cabo, feitas livremente e qual o grau dessa permissão que é dada a cada indivíduo dentro de suas possibilidades. Essa escolha envolve quatro estágios:

PARA RESUMIR: IDENTIDADE SEXUAL

1) sensibilização: quando o sujeito se torna consciente de sua situação como desviante, outsider e estigmatizado;

2) significação: o sujeito começa a atribuir sentido a essas marcas sociais, vendo-se como diferente e quais as possibilidades de abordagens no mundo social para pessoas que se assemelham a ele;

3) subculturação: o momento em que o sujeito passa a reconhecer a si mesmo e passa a se reconhecer em outros que pertencem ao mesmo grupo social. Essa é a época de se relacionar com outros, por exemplo, dos primeiros contatos sexuais;

4) estabilização: por fim, vem a aceitação de si mesmo e de seus sentimentos, como parte de um estilo de vida, através do apoio de seus pares e no envolvimento nessa subcultura (WEEKS, 2000, p.54).

Vale destacar, por fim, que comportamento sexual e identidade sexual não possuem necessariamente uma conexão. “Sentimentos e desejos sexuais são uma coisa, enquanto que a aceitação de uma posição social particular e um organizado senso de si – isto é, uma identidade – é outra” (WEEKS, 2000, p. 54). Para Cohler e Hammack (2009, p. 4), “como os indivíduos se envolvem com narrativas-mestre de maneiras diversas e em diversas vezes tanto nas suas histórias individuais como sociais, **a identidade é melhor entendida como um processo do desenvolvimento humano** mais do que uma ‘tarefa’ a ser ‘cumprida’”.

A IDENTIDADE COMO DESTINO

Nosso gênero está dado de acordo com nossos órgãos sexuais. Supõe-se que o corpo expressa um verdade universal.

B IDENTIDADE COMO RESISTÊNCIA

Um apurado sentido do si mesmo, atingido através da percepção da sexualidade e da luta contra os preceitos e preconceitos sociais

C IDENTIDADE COMO ESCOLHA

Cada indivíduo sente-se livre para adotar um grau de permissão para exercer a sua identidade, dentro de suas possibilidades.

- ESSA ESCOLHA ENVOLVE QUATRO GRAUS:

1 SENSIBILIZAÇÃO

- Quando o sujeito se torna consciente de sua situação como desviante, outsider e estigmatizado.

2 SIGNIFICAÇÃO

- O sujeito começa a atribuir sentido a essas marcas sociais, vendo-se como diferente e quais as possibilidades de abordagens no mundo social para pessoas que se assemelham a ele.

3 SUBCULTURAÇÃO

- O momento em que o sujeito passa a reconhecer a si mesmo e passa a se reconhecer em outros que pertencem ao mesmo grupo social.

4 ESTABILIZAÇÃO

- A aceitação de si mesmo e de seus sentimentos, como parte de um estilo de vida, através do apoio de seus pares e no envolvimento nessa subcultura.

PALAVRAS FINAIS



Ao desenvolver minha dissertação, fui conhecendo e elaborando algumas linhas de interpretações importantes para a confecção de um relato de si em quadrinhos. Ao levá-las em consideração, desenvolvi este livro em quadrinhos Transcrevo-as aqui para esclarecer alguns aspectos da confecção deste trabalho.

AUTORIA TOTAL: para que o autor de uma graphic novel autobiográfica esteja no controle de sua obra e também possa expressar melhor a sua visão de mundo precisa não apenas escrever o texto da obra, como também fazer as suas próprias ilustrações;

AUTOGRAFIA: além das ilustrações, estão incluídas no projeto de autoria total de um relato de si em quadrinhos a utilização de um texto feito ou em letra de mão ou em uma fonte desenvolvida a partir da própria caligrafia do autor;

SUBJETIVIDADE X OBJETIVIDADE: muitas vezes é preciso empregar outras nuances, além da autografia, como alegorias, analogias e metáforas, tanto visuais como textuais para despertar novas produções de sentido no leitor;

DEFINIÇÃO X INDEFINIÇÃO: da mesma forma como colocado acima e, principalmente em uma obra que explora a sexualidade do autor, nem todos os aspectos da vida retratada precisam encontrar uma definição. Muitos conceitos, como os conceitos de sexualidade humana esbarram em indefinições socioculturais e o trabalho em quadrinhos pode se aproveitar disso para gerar uma resposta no leitor;

LINEARIDADE E FRAGMENTARIEDADE: para que uma narrativa de si em quadrinhos faça sentido, ela não necessariamente precisa seguir uma continuidade narrativa. Uma das características próprias da linguagem dos quadrinhos é a sua fragmentariedade que, assim como a memória, é feita de pequenas partes que tomam sentido quando reordenadas;

ASPECTOS DA VIDA: Um relato de si em quadrinhos nunca vai abarcar a totalidade de uma vida, mas sim, aspectos da existência que o autor gostaria de destacar dentro de um projeto editorial;

DESTINO: Quer o autor queira, quer não, um relato de si em quadrinhos que toma para si uma temática específica dentro da vida do mesmo, trabalhará, de alguma forma ou sob algum aspecto com o fato da “profecia autorrealizável”. Essa conclusão ficou clara para mim quando percebi que uma das funções da autobiografia é ordenar a vida para que seu autor – seja em um produto cultural, seja através da memória autobiográfica – construa para ela um sentido e um significado. Aparenta, assim, ao lermos um autor de um relato de si em quadrinhos de que não se pode nem fugir e nem impedir o seu destino;

IDENTIDADE: Ao mesmo tempo em que o autor de um relato de si em quadrinhos está sempre aceitando e abraçando o seu destino, ele está sempre negando a sua identidade. Isso porque, como vimos, possuímos diversas identidades, e o papel do bom autor deste tipo de narrativa é demonstrar para o leitor o quanto sua identidade é fluida;

SEM TABUS, MAS COM LIMITES: Como percebi ao estudar um pouco da história dos quadrinhos autobiográficos, muitos deles abordaram e ilustraram temas polêmicos para a sociedade na época em que foram criados. Alguns deles continuam sendo polêmicos até hoje. Isso demonstra que um autor de um relato de si em quadrinhos não deve ser pudico quanto a sua vida –

principalmente em relatos que abordam a sexualidade. O limite de um trabalho como esse, contudo, será estipulado através da própria autocensura e bom senso do autor, levando sempre em conta o público-alvo que quer atingir;

POTENCIAL EDUCATIVO: Observei na dissertação que os relatos de si feitos em arte sequencial possuem um potencial de mudança e transformação maior que outros trabalhos em quadrinhos. Isso porque os relatos de si em quadrinhos exploraram plenamente todos os níveis de produção de sentido, através do preenchimento das lacunas dos quadrinhos e da vida retratada. Acaba deixando que o leitor tire suas próprias conclusões sobre os valores envolvidos na história, o significado daquela vida e as lutas que envolveram o autor/narrador/personagem para que ele chegasse a uma estabilidade que lhe permitisse escrever esse relato. Dessa forma, é possível para o leitor se projetar na obra que está lendo e se identificar em vários níveis com o autor/narrador/personagem;

Gostaria de agradecer a você por ter acompanhado até o final este estudo sobre quadrinhos que também é um quadrinho. Espero que esta obra tenha tocado você como *Fun Home* me tocou e que possa fazer alguma diferença na sua vida. Afinal, os trabalhos acadêmicos devem servir para a sociedade e não servirem de exclusivo acesso de catedráticos. Ao mesmo tempo eles devem ser atrentes para todos os públicos, com linguagem acessível e também devem possuir o rigor necessário para serem levados a sério. Espero ter atingido esse objetivo com *Só os Inteligentes Podem Ver*.



SASHAY AWAY!

Guilherme Smee

Porto Alegre

Maior de 2019

REFERÊNCIAS



BECHDEL, Alison. **Fun home: a family tragicomic**. Nova York: Houghton Mifflin Books, 2006.

BECHDEL, Alison. **Fun home: uma tragicomédia em família**. São Paulo: Conrad Editora, 2007.

BECHDEL, Alison. **Fun home: uma tragicomédia em família**. São Paulo: Todavia, 2018.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2000.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela e RAYNER, Francesca. **Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica**. Minho, Portugal: Edições Húmus, 2011.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

COHLER, Bertram J., HAMMACK, Phillip L. Narrative engagement and stories of sexual identity: an interdisciplinary approach to the study of sexual lives. In: COHLER, Bertram J., HAMMACK, Phillip L. **The story of sexual identity: narrative perspectives on the gay and lesbian life course**. New York: Oxford University Press, 2009.

FERREIRA, Carlos, ROSA, Rodrigo. **Kardek**. São Paulo: Barba Negra/LeYa, 2008.

FIGUEIREDO, Euridice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção e autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GOFFMAN, Ervin. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

GOFFMAN, Ervin. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora: UFOP: Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

NELSON, Maggie. **Argonautas**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2017

RULE, Nicholas O.; ALAEI, Ravin. "Gaydar": the perception of sexual orientation from subtle cues. In: **Current Directions in Psychological Science**. 2016, Volume 25. Número 6. p. 444-448.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. In: **Cadernos Pagu**, v. 24, janeiro-junho, 2005, p. 127-152.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2000.



Meu maior incentivador para engrenar uma carreira acadêmica e estender meus estudos em quadrinhos foi o meu irmão, Bernardo. Assim também estreitamos ainda mais nossa relação, dividindo anseios, dificuldades e alegrias, da mesma forma como fazemos há mais de três décadas.

Agradeço também à minha orientadora Profa. Dra. Tatiana “Tati” Vargas Maia e ao meu co-orientador Prof. Dr. Steven “Steve” Buttermann, por me conduzirem nos meandros e nas complicações que é estudar uma sociedade dividida em gêneros. Também me conduziram, de uma forma ou de outra, pela teoria queer, que quer que isso tudo seja discutido, desconstruído e subvertido sem “queimar a bruxa” Judith Butler no processo.

Ao mesmo tempo, descobrir os segredos da identidade gay e das suas práticas, bem como a força interna que eu precisava para vencer essa barreira, é mérito dos meus amigos fãs de X-Men, distribuídos pelo Brasil e reunidos pela internet e pelos mutantes da Marvel.

Agradeço aos meus colegas do mestrado, que me receberam de braços abertos em suas casas e em suas vidas, e se tornaram meus novos amigos, tornado essa trajetória ainda mais prazerosa.

Sem os integrantes do grupo Colecionadores de HQs dos Pampas, em especial o José Borba e a Annie O’Reilly, essa minha paixão por quadrinhos não teria alçado novos patamares. Foram muitos encontros, encontrões e encontrinhos de amizade, parceria e brigas por causa de quadrinhos.

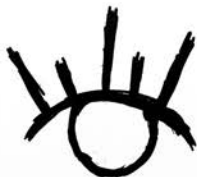
O Grupo de Pesquisas em Arte Sequencial e Cultura Pop, o Cult de Cultura, das Faculdades EST, coordenado pelo Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin, me acolheu e ajudou a evoluir no que na pesquisa em histórias em quadrinhos.

Agradeço também aos professores coordenadores do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, Prof Dr. Lucas Graeff e Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin. Ao Lucas pela concessão da bolsa no Observatório Cultural e pelas conversas iluminadoras sobre a academia e a pesquisa, e à Cleusa por servir de mentora no ótimo estágio docente que tive ao lado dela no curso de História da UniLaSalle.

Para fazer a parte prática deste estudo, ou seja, seu produto transformado em quadrinhos, preciso agradecer aos professores que ensinaram o “caminho das pedras”: Ana Luiza Koehler, Carlos Ferreira, Róger Goulart e Daniel HDR. Aproveitando para agradecer aos proprietários da Galeria Hipotética, Fabiano Denardin e Iriz Medeiros por estarem sempre de portas abertas para a troca de conhecimentos como esses e pelo apoio incondicional quando eu surjo com alguma ideia louca de quadrinhos.

Agradeço ao Prof. Dr. Henrique Magalhães por ter acolhido com carinho esta minha louca proposta de trazer esta publicação sob os cuidados da Editora Marca de Fantasia.

Por fim, agradeço à autora de Fun Home, Alison Bechdel, por ter concebido esta obra e por ter chegado em minhas mãos em uma noite que tomei a decisão que iria assumir minha sexualidade para o mundo, inspirado em sua jornada. Hoje, ela serve como base para este trabalho.





SOBRE O AUTOR

GUILHERME “SMEE” Sfredo Miorando nasceu em Erechim em 1984.

É Mestre em *Memória Social e Bens Culturais*, pela **Universidade LaSalle** e é pesquisador dos assuntos quadrinhos e sexualidades. É especialista em *Imagem Publicitária* e bacharel em *Publicidade e Propaganda*, ambos títulos pela **PUCRS**. Ministra aula de quadrinhos e trabalha com design editorial e roteiros. É professor conteudista na *Especialização EaD em Histórias em Quadrinhos* das **Faculdades EST**.

Já trabalhou em museus, com venda de livros e com publicidade. É pesquisador associado do **Cult de Cultura** e da **ASPAS** (Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial). Foi criador e faz parte do conselho editorial da **Não Editora**. Co-roteirizou o premiado curta-metragem *Todos os Balões vão Para o Céu*. Seu livro de contos *Vemos as Coisas como Somos* foi selecionado e publicado pelo **Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul** em 2012. A partir de 2014, publicou ao menos um quadrinho independente por ano. *Loja de Conveniências*, sua primeira narrativa longa foi lançada em 2014. Em 2015 participou da coletânea de HQs *LGBT Boys Love*, pela **Editora Draco**. Em 2017 colaborou com o quadrinho *A Liga dos Pampas* de Jader Corrêa, que explora mitos gauchescos.

Também lançou *Desastres Ambulantes* em parceria com Romi Carlos, que foi selecionado pelo edital estadual **PROAC/SP**. Em 2017, publicou *Abandonados Pelos Deuses: Sigrid*, com Thiago Krening e Cristian Santos e também *Fratura Exposta: REDUX* com Jader Corrêa. Também escreve os roteiros para os super-heróis portoalegrenses **Super Tinga & Abelha-Girl**. Mantém o blog sobre quadrinhos **Splash Pages** (splashpages.wordpress.com) há mais de 10 anos.



Foto: Iris Borges



REITOR DA UNIVERSIDADE LaSALLE
Prof. Dr. Paulo Fossatti

VICE-REITOR E PRO-REITOR DE GRADUAÇÃO, PÓS-GRADUAÇÃO,
PESQUISA E EXTENSÃO
Prof. Dr. Cleudes Casagrande

DIRETORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
Prof. Dra. Patricia Kayser Vargas Mangan

COORDENADORES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS
Prof. Dr. Lucas Graeff
Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

ORIENTADORA
Profa. Dra. Tatiana Vargas Maia (UNILASALLE)

CO-ORIENTADOR
Prof. Dr. Steven Fred Butterman (University of Miami)

BANCA EXAMINADORA
Prof. Dra. Adriana Amaral (UNISINOS),
Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin (Faculdades EST)
Prof. Dr. Lucas Graeff (UNILASALLE)

SECRETARIA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA
SOCIAL E BENS CULTURAIS
Graciele de Lima Mesquita
Jéssica Minuscoli Correa
Kamila Cristina Miranda Cruz
Sílvia Adriana Soares
Suzana da Costa Leal



Este livro foi composto
nas fontes Wood Stamp e
Stag e impresso em
maio de 2019.

Dizem que existe uma espécie de radar gay, o “gaydar” inerente a cada homossexual, que confere a eles o poder de identificar pessoas queer. Assim, os queer podem ser inseridos no conto da Roupa Nova do Rei, onde “só os inteligentes podem ver” algo que não está evidente para todos.

O ato de se assumir gay, lésbica, queer, pode ser apavorante para quem o faz ou quer fazê-lo. Isso porque a qualquer momento essa condição pode ser descoberta por outro e disseminada com graves consequências sociais que vão da difamação à violência física.

Este livro traz discussões acerca da identidade de gênero e também quatro contos autobiográficos em quadrinhos sobre a construção da sexualidade. Os temas abordam sexo biológico e genética, amigas imaginárias e a alma feminina, a rainha dos baixinhos e sua influência numa infância queer e a separação dos pais como confusão de identidade sexual.

“Criativo, marcante, sensível e perspicaz. Estilisticamente sofisticado, porém acessível”.

STEVEN BUTTERMAN, Professor Doutor da *University of Miami*, autor do livro *Invisibilidade Vigilante: representações midiáticas da maior parada gay do planeta* sobre a parada LGBT de São Paulo.



Esta história em quadrinhos é resultado de um produto desenvolvido em conjunto com uma dissertação de Mestrado Profissional apresentado à banca examinadora do Curso de Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle - UNILASALLE para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

